

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2018 - ANO XXII - Nº 257

## EDITORIAL

Ao ensejo de mais um aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, nossos olhos se voltam para a Serra da Mantiqueira, que corta o município nos presenteando com uma das mais belas paisagens valeparaibanas. É com orgulho e sentimento cívico que celebramos essa data. Não é bairrismo esta afirmação. Piquete é nosso espaço mítico-afetivo, herança de nossos antepassados; devemos exaltá-lo, lembrando-nos de que somos os responsáveis por sua preservação.

Anichado nos contrafortes da Serra, o município apresenta topografia irregular, o que lhe confere rara beleza cênica. No entanto, essa diversidade de paisagens precisa ser preservada.

A falta de visão aliada ao desconhecimento de questões ambientais trouxe graves problemas ao meio ambiente. As diversas interferências na paisagem alteraram ecossistemas e sua dinâmica, implicando em perda da qualidade de vida. Se éramos ignorantes quanto às questões ambientais, a atual falta de disponibilidade de informações não mais admite agravos à natureza. O meio ambiente deve ser priorizado. A região da Mantiqueira é ambientalmente estratégica, um local onde se sobrepõem e se cruzam diferentes ecossistemas. O bioma Mata Atlântica, que cobre grande parte das encostas mantiqueiras, é um rico patrimônio a ser preservado a qualquer custo. Para que Piquete possa manter o cognome Cidade Paisagem é preciso um projeto que envolva todos os munícipes visando à preservação de nossas encostas e matas ciliares. Educação ambiental e senso de cidadania se fazem necessários.

Enquanto são escritas essas linhas, um incêndio consome um fragmento de mata no centro da cidade. Poucos se dispõem a plantar uma árvore e as que a natureza insiste em nos presentear são queimadas! Recentemente foram plantadas próximo à Igreja Matriz de São Miguel cerca de 500 mudas de hortênsias. Infelizmente, foram todas propositalmente arrancadas ou quebradas. Ainda hoje é comum assistir a pessoas jogando sacos de lixo em nossos rios. O que falta, então, para Piquete se equiparar a outras de pequeno porte atrativas para o turista?

É fácil dizer que amamos Piquete. São raras, porém, ações efetivas que promovam maior qualidade de vida a ela. De qualquer maneira, neste aniversário, fazemos votos de dias melhores para o município!



Foto: Alenilda Mendes

Saibamos, neste 15 de junho, honrar nossas referências! Que São Miguel, nosso padroeiro, nos torne dignos de nossa cidade! Que possamos ser portadores, dia a dia, de esperança na contínua construção do futuro deste belo território que nos foi legado e que se convencionou chamar “Cidade Paisagem”!

## Que Piquete queremos para o futuro?

Piquete completou mais um aniversário. O município emancipou-se a 15 de junho de 1891, pela vontade e articulação política de seus habitantes, desejosos de vê-lo entre os demais no gozo de seus direitos garantidos por propriedades e voto. Pobre era, como a grande maioria das cidades brasileiras, mas a vontade inquebrantável de seus administradores, portadores de grande senso cívico, a trouxe até nossos dias.

Nesses 127 anos, muitos entraves e embates políticos aconteceram. Infelizmente, alguns deles atrasaram o desenvolvimento do município. Já nos primeiros anos de emancipação, em 1894, rivalidades políticas levaram nosso Legislativo a trabalhar para que a Vila retornasse à condição de bairro de Lorena, da qual havia sido emancipada. Entretanto, o esforço de seus defensores garantiu-a como Vila e conseguiu o referendo do Conselho do Estado. Portanto, uma conquista notável! Importante considerar que, mais do que uma concessão, foi uma luta de autênticos habitantes – por nascimento ou por escolha – desse território. Havia senso cívico e este preponderou.

Outros tantos entraves e disputas políticas aconteceram ao longo desses anos. As paixões são legítimas, mas quando distanciadas do interesse público se tornam perigosas. Sabemos o quanto é difícil administrar uma cidade, principalmente as pequenas e desprovidas de recursos, como a nossa.

Que Piquete queremos para o futuro?

O futuro de Piquete será melhor e promissor se houver à sua frente pessoas idôneas, éticas, compromissadas e responsáveis no trato do dinheiro público, que não se curvem a conveniências e interesses particulares e que não se envaideçam com os cargos ocupados. O município que sonhamos só será possível se houver um trabalho integrado entre os mandatários do Executivo e do Legislativo, e os governos estadual e federal. Há que deixar de lado querelas menores, num esforço suprapartidário que uma poder público, associações, Igrejas, escolas e população. Somente assim conseguiremos atingir os objetivos traçados.

As necessidades do município são crônicas e por todos conhecidas. O momento pelo qual passa o país é crítico. Porém, enquanto a corrupção e os desvios de recursos aumentam na maioria das cidades brasileiras, Piquete mantém-se controlada financeiramente, tem crédito e as contas e a folha de pagamento estão em dia.

Saibamos, neste aniversário, honrar nossas referências! Que São Miguel, nosso padroeiro, nos torne dignos de nossa cidade! Que possamos ser portadores, dia a dia, de esperança na contínua construção do futuro deste belo território que nos foi legado e que se convencionou chamar “Cidade Paisagem”!

## Imagem - Memória



(1)



(2)



(3)

Fotos Arquivo Pró-Memória

### Mestra e missionária: uma leiga a serviço da Igreja

Quando comemoramos, em outubro, os 130 anos de criação da Paróquia de São Miguel Arcanjo, é bom voltarmos os olhos para o passado e reconhecer as muitas dificuldades por que passou a Igreja de Piquete em função da ausência de um padre residente na pequena Vila. A falta física de um sacerdote no cotidiano da paróquia nos seus primeiros cinquenta anos não esmoreceu a fé dos piquetenses. Graças ao trabalho contínuo de leigos, o processo de evangelização teve continuidade. Muitas famílias se reuniam para orar e rezar na Igreja Matriz. A presença e a atuação dos leigos na Igreja sempre foram importantes. Homens e mulheres, em diferentes épocas, devotaram parte da vida à árdua missão de evangelizar. Dentre esses, uma se destacou dedicando-se especialmente à Igreja em Piquete: a professora Leonor Guimarães. A Paróquia de São Miguel será sempre devedora ao seu incansável trabalho.

Leonor Guimarães chegou a Piquete nos primeiros meses de 1927 para assumir a cadeira do segundo ano masculino do Grupo Escolar do Piquete, então funcionando num velho casarão à rua Cel. Luiz Relvas. Ainda jovem, franzina, modesta e humilde, notou-se, ao pronunciar as primeiras palavras no Grupo Escolar, que sua voz era dificultada por uma bronquite asmática, o que levava a crer que não suportaria aquela classe endiabrada. Os moleques, que por dois meses vinham martirizando a professora anterior, a qual, apesar da saúde, do porte

agigantado e da energia, não conseguia manter a disciplina da classe, pensaram que logo dominariam a nova professora. Enganaram-se. Aquela moça, com mansidão, bondade e carinho, impôs respeito à classe. Raramente precisava repreender, porque a todo momento aconselhava. Nos seus conselhos, como que se mesclavam o dever de mestra, o amor de mãe, o zelo de apóstola. Não ensinava apenas, educava. Para ela, não bastavam as horas de aula. Quando se dirigia ao Grupo Escolar ou dele voltava, estava sempre rodeada de crianças, mesmo de outras classes, sempre ensinando, aconselhando, educando... Sua casa era uma continuação da escola...

Paralelamente à vida de professora, dedicou-se, desde que chegou a Piquete, ao ensino da doutrina religiosa. Não havia padre na paróquia. Já no ano seguinte, preparava, pela primeira vez, em nossa cidade, uma turma para a Primeira Comunhão, espetáculo edificante e comovedor até então desconhecido em Piquete. O catecismo paroquial, que praticamente não existia, tornou-se realidade graças à sua organização e zelo. Mais tarde, fundou a Cruzada Eucarística, que dirigiu enquanto residiu em Piquete e que foi classificada pelo então bispo diocesano, Dom Francisco Borja do Amaral, como a melhor da diocese. Foi no seio dessa associação que formou a consciência de muitas meninas, hoje mães exemplares. Antes, já se desta-

cara na fundação da Pia União das Filhas de Maria, da qual foi por muitos anos, com rara felicidade, modelar diretora.

Sua casa era, talvez, a mais frequentada de toda a cidade. Todos a procuravam para uma orientação, um conselho, para sanar uma dificuldade. De lá ninguém saía desconfortado. Os pobres, para os quais dedicava especial carinho, recebiam sempre compensador quinhão. Visitava e confortava enfermos. Tinha todo seu tempo tomado. Amanhecia trabalhando e permanecia na luta até altas horas da noite. Foi braço direito dos padres João Guimarães, Oswaldo Bindão e Septímio Arantes. Viveu de maneira exemplar o Evangelho. Sua ingrata enfermidade, cada vez mais grave, para outra pessoa seria pretexto para prolongado repouso. Para ela, era como um estímulo para o trabalho e o cumprimento do dever. Devido à geografia da cidade, com muitas ladeiras, e à precariedade da saúde, teve que se mudar para Lorena. Faleceu em 26 de maio de 1955 assistida por três sacerdotes, que, coincidentemente, sem combinar, chegaram para visitá-la — eram os padres diocesanos João Guimarães e Oswaldo Bindão, e o padre salesiano Hugo Greco, seu confessor.

(1) Leonor Guimarães e aluna de catecismo no dia de sua 1ª Comunhão. Foto da década de 1950. (2) Leonor Guimarães e catequistas com alunos do Catecismo paroquial, em foto de 15 de novembro de 1937. (3) Professora Leonor Guimarães e alunos em dia de formatura do 4º ano do Grupo Escolar do Piquete, em 1941.

## GENTE DA CIDADE

### Pastor Marco

Marco Antônio Ramos Pinto é piquetense, o mais velho dentre os três filhos do casal José Ramos Pinto e Maria Aparecida de Almeida.

Nascido a 26 de junho de 1963, a infância foi comum à de muitos piquetenses: cursou desde o Jardim da Infância até a oitava série no “seu Leopoldo”, como era conhecida a Escola de 1º e 2º graus da FPV. “Cheguei a ter algumas aulas com o seu Leopoldo. Usei uniforme com divisas; o sonho era ter as quatro divisas do último ano...”, recorda. O ginásio foi iniciado no Leonor Guimarães e finalizado no Colégio Delta, de Lorena, em 1982, época em que conheceu Eliane dos Santos. A forte amizade e o carinho evoluíram e, um ano depois, iniciaram um namoro. Conduzido por Eliane, de família evangélica, Marco se converteu, passando a professar a mesma fé daquela que, oito anos depois, em 14 de julho de 1990, se tornaria sua esposa.

Em 1985, Marco começou a trabalhar na então Faculdade Municipal de Engenharia de Lorena, depois FAENQUIL, hoje Escola de Engenharia de Lorena, campus da USP. Também nesse ano, foi consagrado pastor e assumiu a condução da Igreja Evangélica Cristã. “Neste ano de 2018, a Igreja e eu completamos 33 anos desse Ministério. Uma data simbólica muito importante”, afirma, com um quê de emoção.

Em 1997, a Igreja funcionava em pequeno salão. Após a aquisição do terreno, a comunidade reuniu recursos para a construção de um novo espaço. O prédio erguido, que tem como arquiteta responsável Célia Ap. Rosa, instituidora da Fundação Christiano Rosa, contemplava duas salas onde eram ministradas aulas de religião para as crianças da Igreja. Numa época em que a Fábrica Presidente Vargas, empregadora da maioria dos fiéis, passou a exigir o ensino fundamental de seus funcionários, identificaram a necessidade de colaborar e utilizaram o espaço para ajudá-los por meio do Telecurso 2000, que disponibilizava aulas pela TV. Foram cerca de 150 alunos que se beneficiaram dessa ação.



Somados, o retorno obtido com o Telecurso e os pedidos dos pais das crianças que recebiam o ensino religioso fizeram nascer a ideia de estabelecer uma escola. E assim surgiu a Escola Evangélica, instituição pela qual já passaram cerca de 1200 alunos, com a primeira turma do 9º ano formada em 2006. Ao relatar a trajetória da instituição, o Pastor Marco destaca o princípio aplicado: respeito a Deus, ao próximo, a si mesmo e à natureza. “Acredito que, seguido esse princípio, conseguiremos um mundo melhor...”, resume.

Em 1997, mesmo ano em que iniciou as obras do prédio da Igreja, Pastor Marco iniciou o curso de Engenharia Industrial Química na FAENQUIL, formando-se em 2002. Desde então, tornou-se mestre em Engenharia Ambiental e cursou Pedagogia, curso exigido para se tornar diretor da Escola Evangélica.

Pastor Marco chegou a se candidatar a vereador e a prefeito em Piquete. “Minha meta era dar uma característica estudantil à cidade. Acredito que poderíamos desenvolver essa vocação”. Não se elegeu, mas manteve-se firme na ideia de formar cidadãos e tornou esse o lema da Escola Evangélica: “Educar para a Vida”. Sua filosofia é a de que a escola deve mostrar a aplicação da teoria e apresentar a realidade ao aluno. Ressalta que, atendo-se à base sobre a qual foi fundada – a de ensinar os irmãos que precisam garantir o emprego –, a escola busca manter em torno de 30% dos alunos com bolsas integrais. Confessionária, a Escola Evangélica mantém o ensino religioso em seu currículo, mas Marco afirma que, hoje, apenas cerca de 10% de seus alunos são evangélicos.

Pai de duas filhas, o Pastor Marco resumiu bem sua forma de pensar a educação: “temos dois caminhos a escolher: o certo e o fácil. Não que o fácil seja errado, mas uma vida correta, baseada em princípios de respeito é muito mais difícil de ser seguida”.

Dividindo sua rotina entre as funções de pastor, diretor da escola e funcionário da Escola de Engenharia de Lorena (antiga FAENQUIL), Pastor Marco é um cidadão do bem que contribui para a formação de outros bons cidadãos.

## Educação:

*dois caminhos diametralmente opostos  
chegam a bons resultados*

*Laura Chaves*

Finlândia e Coreia do Sul, segundo resultados do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), estão entre os países com a melhor educação do mundo. Isso gera, com certeza, curiosidade.

Esses dois países optaram, como hoje faz o Brasil, por ter uma Base Curricular Comum e aplicada em todos os estabelecimentos de ensino. Chama a atenção, entretanto, que a Finlândia optou por construir um currículo para formar uma sociedade feliz, enquanto a Coreia do Sul optou por formar pessoas competitivas para uma sociedade competitiva.

O ensino na Finlândia prioriza a arte, a criatividade, a pedagogia de projetos e o ensino de matemática e línguas. Em outra direção, na Coreia do Sul, o ensino é tecnicista, competitivo e voltado para o mercado.

O que aprendemos com esses dois exemplos? Primeiro: não dá para a escola se propor a fazer tudo. Uma Base Curricular tem que especificar a sua intencionalidade de forma muito clara. Segundo: interessa mais “como” ensinamos do que aquilo que ensinamos. Nosso cérebro é treinado para esquecer as informações, mas habilidades desenvolvidas ficam preservadas.

Aprendemos, ainda, com as experiências de Finlândia e Coreia do Sul que, independente dos conteúdos, os resultados do PISA revelam o alcance de habilidades e que o bom resultado pode chegar por caminhos diversos, inclusive, por caminhos diametralmente diferentes. Isso porque o PISA avalia habilidades e não conteúdos. Esse é, portanto, o ponto de partida para uma educação de qualidade.

A curiosidade sobre os dois países aqui analisados não se esgotou nos resultados do PISA. Há um dado que chamou minha atenção e deixo aqui para reflexão. Na Coreia do Sul, o índice do suicídio chega a 3,8 entre os adolescentes.

No Brasil, a Base Curricular, recentemente aprovada, é pretensiosa e busca formar o aluno para tudo... Dará certo?

## O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

### Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

### Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

### Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

### Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



*Pastor Marco e esposa desfilam representando a Escola Evangélica no aniversário de Piquete*

## Piquete: 127 anos de emancipação político-administrativa

O aniversário de 127 de emancipação político-administrativa de Piquete foi comemorado, entre outros eventos, com o tradicional desfile na Avenida 15 de Março e Praça Duque de Caxias.

A agenda contou, ainda, com Sessão Solene da Câmara Municipal, culto ecu-

mênico e missa com o bispo emérito da Diocese de Lorena, Dom Benedito Beni.

Além de instituições e associações civis, as escolas municipais, estaduais e particulares do município tiveram destaque, como sempre. Abordando temas diversos, entre eles a Copa do Mundo de futebol, os alunos

se apresentaram brilhantemente e renderam homenagens a Piquete e à sua gente. O evento teve, também, desfile e apresentação da Banda do 5º BIL de Lorena. Os piquetenses compareceram em grande número. Parabéns aos organizadores e, em especial, às escolas!



Fotos Alenilda Mendes

## Pena que existem frestas nas venezianas

“Passarinho que debruça – o voo já está pronto”. É como se ele, pássaro, não esperasse o Sol. Fazia o Sol. “Surpreendia o Sol antes do Sol raiar”. Estava lá. Chicando-se no alto da montanha. “Os sóis e as luas. Creio bem que Deus os fez. Para outras vidas”. O pássaro é um poeta. “O poeta chegara ao alto da montanha, E quando ia a descer a vertente do oeste, Viu uma coisa estranha, Uma figura má”. O Sol vinha já a raiar. Raiando, ele queimava os olhos do pássaro poeta e meus olhos ardiam com ele. Figura má e mesquinha. Raiava sem saber a quem prejudicava. Raiava por ser essa sua querença. Ah! Esse pássaro poeta de voo pronto no alto da montanha. Dizia-me tantas coisas. “O poeta dizia que era trezentos, trezentos e não sei quantos. Eu sou apenas duas: a verdadeira e a outra. Uma outra tão calculista, que às vezes me aborreço até a náusea. Deixa-me em paz! – peço e ela se põe a uma certa distância, me observando e sorrindo. Não nasceu comigo, mas vai morrer comigo e nem na hora da morte permitirá que me descabele aos urros, não quero morrer, não quero!”. Não serão esses raios que me cegam do alto dessa montanha nesse sol raiante que irão me matar. São apenas trechos de memória que me fazem

sobreviver nessa loucura que me arde os olhos. “O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo”. Seria o pássaro poeta? Seria o sol o demônio? Deus é que são não! Tenho riscos de valentia escondida. “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”. Pensa que é medo dos versos do poeta ou das flechas do Sol? Não! “Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem”. Mas nesses junhos de todo ano me torno revigorado e contrariado. Qual corajoso! Mas não são obscenas essas modinhas de junhos? “Considero obscena a decoração que as lojas comerciais promovem em nome de uma tradição que não mais existe, as bandeirinhas de papel fino, os balões armados com arame e plástico, as fogueiras de mentirinha movidas a ventilador. No adro de algumas igrejas, também há movimento, mas sem empolgação, o lucro das barraquinhas mudará as telhas quebradas dos templos, alguns deles aos pedaços”. Até João, Antônio e Pedro se usam e se misturam a uma copa de mundo

para vender bandeirolas e caiação verde e amarela. Dinheiro pro bom e dinheiro pro mal? Obsceno! São raios de sol que cegam. Figuras más. Mas direis: “O pássaro é livre na prisão do ar. O espírito é livre na prisão do corpo”. Duvido da liberdade livre! Não! creio que a liberdade que me cabe é paga. “Há muitas razões para duvidar e uma só para crer”. Onde está realmente a liberdade do pássaro que se debruçou em voo e subiu a montanha? Onde está se o Sol surpreendeu mais do que foi surpreendido? Oras, nos textos, diria um escritor! Nas trovas, o trovador! Nos versos, diria o poeta! “Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas – é de poesia que estão falando”. Ouço o despertador retinindo e custo a abrir os olhos. Só então me dou conta de que passei a noite com Guimarães, Cony, Lígia, Chico, Barros, Cecília, Machado e Drummond. As palavras que li. As loucuras por onde viajei. Os personagens que jamais esqueci. E só então percebo que os raios de sol me cutucavam a vista por entre as frestas da veneziana do quarto. Sonhos, assim como os homens, são loucos. Só os livros nos salvarão dessas trevas da insanidade humana. Amém!

**Luiz Flávio Rodrigues**

## A nossa cultura

Depois da cheia, pastora iluminada de campos, pastos e cristas serranas, vem a nova. Tempo de poda, diz meu velho amigo, podador por quarenta anos dos marmeleiros de Marmelópolis. Sábia observação acumulada de séculos.

Tempos de seca. Chuvas necessárias desejadas, a cuja falta são atribuídas as dificuldades da insuficiência do fornecimento de energia elétrica de origem hidráulica. E num país de tantos rios, mananciais, matas, fontes e costa marítima extensa. Mas, em tudo há degradação. E São Pedro leva a culpa das inclemências do clima. Até os consultores do FMI repetem o bordão brasileiro de quem comanda as chuvas é o “porteiro do céu”. Professor Albert Finslow não foge à regra.

O conhecimento das fases da lua em trajetória mensal ao redor da Terra sinaliza as técnicas produtivas. Plantar, colher, podar – eis o ciclo produtivo acompanhante do lunar. Do arranjo do céu de estrelas resultam as

tendências reconhecidas, e não só pelos humanos. Os animais são anunciantes. É preciso saber lê-los. Não são necessários relógios, nem calendários. Estes somente interessam aos capitalistas, isto é, aos buscadores de lucros. Bastam os ensinamentos milenares transmitidos oralmente por gerações. Os pais ensinam aos filhos. Os animais transmitem em códigos e os vegetais, em sequências de tempo a que chamamos estações. Do cabedal de conhecimentos acumulados na busca pela sobrevivência regula-se a vida. Estamos falando de cultura, ou seja, da somatória dos bens de conhecimento transmitidos informalmente. Daí nasceram os mitos que, depois, instrumentalizados, tornaram-se científicos e fontes livrescas. Da observância dos ritmos, dos ciclos e da cronologia astral referenciada nos humanos criaram-se os calendários, originalmente míticos, depois reguladores das obras. Mitificadas, as formas originaram religiões, criaram a fé e normatizaram os compromissos. Assim,

os livros sagrados balizam todas as ações. Nenhum deles fugiu à observância das bases culturais dos povos. Os dias festivos são as homenagens reforçadoras, emblematizadas nos acontecimentos e nos protagonistas. Fazemos parte de uma representação autenticada como registro.

Como povo, preservamos a cultura. Somos testemunhas. Por isso, registramos a partir das formas orais para as escritas, em fontes documentadas. Estas são erigidas como monumentos não menos perenizantes que os de pedra, cal, mármore, aço, ferro, bronzes e demais materiais transformados pelos humanos em obras de arte. São estátuas, igrejas, museus, prédios públicos e todas as obras consagradas pelos cidadãos como heranças vivas, símbolos de uma cultura e identidades de um povo.

E nas noites plenas de magias, ao sabor da esperança, ou na tradição das festas, vivifica-se o discurso da memória.

*Dóli de Castro Ferreira*

## Responsabilidade de uma geração

22 está perto. 22 é chave para o Brasil.

Houve um paulista chamado José Bonifácio de Andrada e Silva.

Houve um paulista chamado Mário de Andrade.

Duzentos anos de independência política.

Cem anos de independência cultural.

A História tem três filhos. O filho empreendedor. O filho aproveitador. E o filho esbanjador.

Se quisermos comparar com a Parábola do Filho Pródigo, vamos surpreender diferenças radicais.

Há mais um filho. O filho aproveitador. Só estica a mão – o que cair é lucro. Ele só vai sair-se mal quando parar de cair.

O filho esbanjador terá muitas alegrias enquanto a herança durar.

O problema está na volta. O Pai da Parábola é misericordioso. Acolheu o filho.

A História é um Pai que não perdoa. Esbanjou? Vai conhecer a necessidade.

E a pior consequência – o suor do filho empreendedor pode não ser suficiente para garantir a sobrevivência da História de um povo. Ele vai dissolver-se na multidão dos povos. Ou vai ser uma ferida na pele da Humanidade.

Como o Brasil vai chegar ao próximo 22?

- com reserva de florestas e de água doce suficientes;
- com produção de proteína animal excedente;
- com reservas minerais cobiçadas pelos estrangeiros;
- com safras recordes de grãos;

- com indústria desenvolvida embora momentaneamente em ociosidade forçada. Então por que o Brasil vai mal?

Quais os manetes que a História vai ter de colocar no ponto certo para que a Justiça Social atinja o nível desejado?

No Brasil se trabalha. Que destino estamos dando ao suor do trabalhador?

Se a Bacia de Santos é uma reserva portentosa de óleo e gás, por que o trabalhador brasileiro não está conseguindo adquirir um botijão de gás? Por que a passagem de ônibus está tão cara?

A História se faz com tino e descortino.

Os portugueses precisaram desenvolver uma indústria naval para achar o Brasil.

Os bandeirantes se encarregaram de alargar o território.

Um sistema inteligente de fortificações e uma diplomacia racional garantiram a integridade do território nacional.

A geração empoderada – dos 35 aos 60 anos – precisa dar sua resposta. Precisa mover a mão da História.

Como será o próximo 22?

Empreendedor, criatura abençoada, construtor da História.

Nas Artes, nas Ciências, nos Serviços, sua presença foi decisiva.

Até os 5 anos, você foi um bebê protegido.

Dos 6 aos 34, você foi um aprendiz dedicado.

Agora, é a sua vez. Você vai empunhar o bastão. Força, é só até os 60.

Depois, você se tornará um Arquivo Vivo das Esperanças da Pátria.

*Abigayl Lea da Silva*

## Decálogo cívico

- 1 - Amarás Piquete, tua cidade, com um amor inteligente e forte. Inteligente, para conheceres seus problemas e grandeza; forte, para empenhar-te em prol de seu desenvolvimento e sua soberania.
  - 2 - Amarás teus irmãos piquetenses, reconhecendo em todos a igual dignidade de pessoas humanas, sem discriminações de raça, origem, condição social, situação econômica, opiniões doutrinárias, ideológicas ou religiosas.
  - 3 - Não excluirás de teu amor e respeito os filhos de outras terras que vieram colaborar lealmente para a grandeza da pátria comum.
  - 4 - Prezarás os seus valores humanos, espirituais e físicos, procurando através de todos os recursos do ensino e da educação, levá-los a uma plenitude ordenada e harmoniosa.
  - 5 - Amarás entranhadamente o bem, a virtude e a verdade, detestando o mal, a mentira e a iniquidade.
  - 6 - Amarás com predileção a tua família, a cuja promoção te dedicarás pelo trabalho competente e honesto, no exercício de uma profissão.
  - 7 - Procurarás conhecer sempre melhor teus deveres e direitos de cidadão, para observá-los com maior fidelidade, esforçando-te por participar da vida de tua cidade, de teu município, de teu Estado e da Federação.
  - 8 - Lembrar-te-ás que um bom cidadão não pode ignorar os elementos fundamentais da organização jurídica e administrativa do seu município.
  - 9 - Deverás também te esforçar por conhecer sempre melhor os elementos da organização econômica e dos processos sociais de Piquete, bem como os sistemas propostos para resolver os seus problemas.
  - 10 - Não deverás nunca esquecer que Piquete faz parte de uma Cultura e de uma Comunidade Nacional, com as quais tens deveres urgentes, que, cumpridos, promoverão uma paz justa e definitiva.
- A.J.*

## Crônicas Pitorescas

### Pernilongofobia...

Palmyro Masiero

Já escrevi, tempos atrás, que estava em guerra declarada e assumida contra os pernilongos, carapanãs, muriçocas ou que mais nomes tenham os mosquitos pertencentes à família dos Culicidas – pra mim, pernugrice-las, e, para os mais exigentes, pernegudos –, que não nos deixam dormir.

Pressinto que a atual geração pernilongueira não tomou conhecimento desse meu propósito belicoso ou não me levou muito a sério e está aí me atormentando. Com já dissera, um inseticida resolveria o caso; todavia, não estou mais botando muita fé nessa tese: ou os sanguessugas se adaptaram ao cheiro dos ditos ou esses estão incluídos no rol daquelas (quantas!) propagandas enganosas! Fica evidente, porque deixo o quarto parecendo “fog” londrino de tanto DDT, que quase mata os humanos da casa, e o que acontece momentos depois? Lá está a orquestra desafinada, afiada, trinando no espaço assim que se apaga a luz para dormir. Zoeira que incomoda até o filho da Noite com o Sono, meu estimado Morfeu.

Sem pichação, pois não sou de guerra psicológica, não é para a gente crer que a família desses nossos mosquitos, além de muito da subdesenvolvida, ainda por cima não possui o menor paladar degustativo de um bom “gourmet”? Não os estamos depreciando, mas pela falta de linhagem, de finesse, enfim. Suga nosso pobre e coquetelado sangue vermelho quando poderia, tranquilamente, embarcar num jato ou transatlântico, sem pagar passagem, sem a necessidade de passaporte, sem o problema de câmbio de modas, alimentando-se dos passageiros e se mandar para as europas, onde ainda existe muita gente da realeza, de sangue azul! Mesmo podendo mordomar, fica por aqui aprazendo-se em praticar a flebotomia em caras sem pedigree. Francamente!

Dizem os insetologistas (desculpem-me estes não chamá-los entomologistas, que é muito mais científico. A causa é a marcação sobre pressão que estou fazendo em cima desses bandidos sugadores, o que faz sobrar alguns pingos para outros isentos de culpa) que a situação é a seguinte: os pernilongos machos não sugam o nosso sangue, contentando-se com o néctar das flores (olha que bom gosto!); quem dá as ferroadas e nos chupam são as fêmeas (novidade...). Fazem

isso silenciosamente; o barulho que nos incomoda fica por conta dos machos. Ora, pois... Ninguém ao se deitar vai proceder a um exame minucioso – e ter conhecimento – nos bichinhos para verificação do sexo! Se conseguir apanhar um nego, espreme no estalo. A que conclusão chegamos? Se o crime das fêmeas é grave, os machos, no meu ponto de vista, terão que se sentar no banco dos réus (e assim, ó, de promotores), pois no cair das cinzas são os que zumbem nos tirando o sono.

O que está me deixando meio enredado é que estou colocando em questionamento as afirmações dos cientistas que chegaram à conclusão que expusemos no parágrafo anterior. De acordo com eles, os machos somente fazem barulho. Mas já repararam que atualmente se ouve a soada pelo quarto, com os pilantras dando voltas em cima (verificando se dá teto para aterrisagem) e o zunido vem zunindo direto pra cara da gente? Pombas! Se os machos apenasmente aperreiam com a inferneira, então as fêmeas viraram muriçocas-sapatões! Ou vice-versa: Os machos viraram pernilongos-gay! Se é que aquela coisa aí comprida pode desmuntar! Estará acontecendo no reino insetal esse tipo de degeneração? Credo! Em cruz! Entretanto, ao mesmo tempo em que me arrepio diante de ideia tão abominável, vejo nessa circunstância a solução para se dormir em paz em futuro próximo: o extermínio da espécie! Vitória! Vitória!

Voltemos à realidade. Começo a crer, ante a constatação das nuvens desses magriceludos voadores notívagos, que haja entomologistas somente jogando no time de cima e os pernegas do terceiro mundo estão numa boa. Estudaram apenas os carapanãs dos países ricos e nem conhecem os dos pobres. Crença essa baseada no fato de que, aqui no país do Carnaval, cortam-se verbas e mais verbas das instituições que trabalham com pesquisas e pesquisas sumamente importantes, logicamente, não pagariam um zoólogo especializado para perder tempo com mosquito. Com exceção ao mosquito da dengue, mas isso é para evitar que nos tornemos um país de dengosos!

É um caso sério! Está na hora de dormir! Vamos neblinar o quarto com tudo aquilo que “mata” o ozônio e deixa os pernilongos num “admirável mundo novo”.

## É imensa nossa responsabilidade

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Piquete comemorou 127 anos de emancipação político-administrativa em um período tumultuado. Dias antes, houve troca no comando do Executivo municipal em função da cassação da prefeita eleita em segundo mandato, Teca Gouvêa.

Sem entrar no mérito do processo, busquei avaliar as condições em que ele acontece e o poder que têm os vereadores. A substituição da chefe do poder Executivo é uma situação extrema. De responsabilidade do Legislativo, este ato tem implicações muito sérias. Substituir uma administração não é algo que se faça rápida ou facilmente. Isso sem falar no período em que se desenrolam os trabalhos da comissão avaliadora da procedência ou não das acusações: possíveis convênios podem não ser assinados, por exemplo, em função da incerteza sobre a continuidade da administração.

A democracia atribui ao Legislativo a responsabilidade de julgar as ações do poder Executivo. Esta é uma conquista primordial, que visa a garantir que os governos nacional, estadual ou municipal administrem os interesses públicos de acordo com a Constituição e a legislação pertinente. Essa função evidencia a importância de se eleger com critérios republicanos os vereadores – no caso da administração municipal. Há que se ter consciência do poder a eles atribuído!

Em cidades como Piquete, onde o acesso aos ocupantes do Executivo e Legislativo é mais fácil, há muita confusão em relação às atribuições dos ocupantes da Câmara Municipal. Perde-se a noção entre o público e o privado. Tem-se a ideia de que favores pessoais podem ser disponibilizados por esses agentes públicos. Essa é a realidade de boa parte dos municípios brasileiros, infelizmente. Ressalte-se, porém, que, se a população se confunde em relação aos deveres dos vereadores, o contrário também não é diferente. Membros do Legislativo, especialmente em pequenas cidades onde a legislação é relativamente fechada, trazem para si funções sobre as quais não têm gerência, como a assistência social. A situação torna-se preocupante quando se indispõem com a administração municipal por ela não atender seus pedidos, alguns deles fontes de despesa para o erário. Num caso de cassação da chefe do Executivo, como aconteceu em Piquete, o desconhecimento por ambas as partes de suas funções e direitos pode ter sérias consequências para o bom andamento do município. Devemos estar atentos!

Neste 15 de junho, as comemorações foram lideradas por um novo prefeito, como reza a Lei. Também dentro do que permite a legislação, foram impetrados recursos contra a decisão do Legislativo. Que vença a Justiça, pois, assim, sairemos vencedores os piquetenses e o município!

Usemos, porém, este episódio como variável a ser avaliada nas próximas eleições! De nossa consciência cidadã depende o bom andamento de nossa cidade, do estado e do país; é imensa nossa responsabilidade!



*A Fundação Christiano Rosa e O ESTAFETA parabenzam os poderes constituídos e a população piquetense pela passagem dos 127 anos de Emancipação Político-administrativa do município de Piquete. Salve 15 de junho de 2018!*



Fotos Gualberto Gobé

## Terço dos Negros em louvor a Santo Antônio

O Jongo de Piquete promoveu, nos dias 16 e 17 de junho, o já tradicional Terço dos Negros em louvor a Santo Antônio. A programação foi extensa e, como sempre, os vários convidados lotaram a casa do Mestre Gil do Jongo. Neste ano, estava prevista a participação dos grupos de Jongo de Embu das Artes, Girafulô (São Carlos, SP), Jongo da Lapa (Rio de Janeiro, RJ), Capoeira Berimbau de Ouro e Projeto Fazendo Capoeira (Queluz, SP), Sarau do Paulão (São Paulo, SP) e Folia de Reis Estrela do Oriente e Capoeira Negros de Sinhá (Piquete, SP). Além, é claro, dos anfitriões, os jongueiros de Piquete! Animação foi a regra, como em todos os anos.

Durante a tarde, um cortejo percorreu as ruas de Piquete com a imagem de Santo Antônio. Em seguida, um animado casamento caipira e, por fim, a reza do Terço em louvor a Santo Antônio. Como acontece todo ano, a religiosidade e a tradição se uniram e o ambiente foi de respeito, emoção e fé. Ao final, a alegria da festa tomou conta de todos. Não faltaram a saborosa canjiquinha, quentão, fogueira e o mastro de Santo Antônio. Rodas de jongo, Folia de Reis e Congada animaram a festa preservando a tradição. O Jongo é uma importante manifestação cultural do município e atividades como o Terço dos Negros contribuem para o resgate de suas raízes e sua preservação.



## Virtude Pública

A experiência dos brasileiros com a democracia ainda é um ensaio. Se tomarmos o sufrágio universal como critério para a existência de uma democracia representativa plena, o Brasil ainda vive sua adolescência: são apenas 29 anos desde a primeira eleição livre com o voto estendido a todos, ocorrida em 1989. Essa experiência, ainda que jovem, já guarda fracassos notáveis: dos 4 presidentes eleitos até aqui, apenas 2 cumpriram seus mandatos até o final. Às vésperas de completar 127 anos de emancipação, nossa Piquete aproximou-se da estatística federal, derrubando o segundo dos cinco prefeitos eleitos desde a instituição do sufrágio universal no país. Nesse contexto, cabe a questão: nossos cidadãos e políticos estão à altura dos desafios de uma democracia ou encaram o regime como mera formalidade sempre pronta a ser descartada pelas conveniências?

Em uma república democrática, uma das funções do Poder Legislativo é o julgamento dos atos político-administrativos do chefe do Poder Executivo. No âmbito dos municípios, é o Decreto-lei 201/67 que define o rol de infrações capazes de, em caso de decisão da Câmara Municipal, custarem o mandato de um prefeito ou vereador condenado. Ao tomar a norma

citada e a instância na qual se desenvolvem seus ritos – o Poder Legislativo – notam-se dois aspectos do julgamento que, à primeira vista, parecem contraditórios: se por um lado a norma estabelece objetividade no processo decisório, como em teoria acontece no Poder Judiciário, por outro atribuem o papel de julgar aos vereadores, agentes políticos por excelência, que são legitimados pela substância da democracia representativa: o poder emanado do povo através do voto.

Essa aparente contradição do referido Decreto-lei, entre a objetividade da lei e a subjetividade da política, no entanto, se tomada com mais atenção, revela um princípio muito caro à democracia: é o povo, através de seus representantes, o agente legítimo para retirar de um político o poder a ele concedido pelo voto. Essa retirada, por outro lado, não deve se realizar a partir de paixões individuais ou corporativas, desconsiderando os interesses do povo e do município. O aspecto político do julgamento, na verdade, demanda do vereador certa *virtu* (virtude), como definiu Maquiavel, para, desprovido de paixões, avaliar se a infração específica justifica o ato extremo de retirar de um agente o mandato que lhe foi conferido pelo detentor primeiro do poder político, que é o povo.

A própria generalidade característica das dez infrações estabelecidas pelo Decreto-lei 201/67 revela o aspecto duplo dessa norma: a partir do dispositivo legal, o juiz – nesse caso, o vereador –, dotado da *virtu* de um agente público que tem como fim o bem-estar dos governados, toma sua decisão. Cabe, portanto, para além da análise legal do Art. 4º, VII, do citado decreto-lei – “*Omitir-se ou negligenciar na defesa de bens, rendas, direitos ou interesses do Município sujeito à administração da Prefeitura*” – usado pela Câmara para a cassação do mandato da Prefeita Ana Maria de Gouvêa, uma reflexão acerca dos profundos dramas que uma cassação gera a um município e à sua população. Questões como a justeza de se retirar um mandato pelo abandono de prédios atualmente sem uso, o custo administrativo da troca repentina e extemporânea do Chefe do Poder Executivo, os destinos dos alegados prédios abandonados, entre outras, deveriam orientar a decisão dos vereadores. Ademais, caberia a cada vereador o seguinte exercício de consciência: a decisão leva em conta exclusivamente os interesses do município ou são as paixões individuais o motor dessa ação? O desenvolvimento de nossa virtude pública passa por essa reflexão.

**Rafael Domingues de Lima**

## Festas Juninas

Nas noites frias de junho e julho, todos gostam de festejar próximos a uma fogueira tomando bebidas quentes e saboreando comidas típicas ao som de músicas, com muita dança e animação. Difícil quem não gosta de uma festa junina. A diversão rola solta e, normalmente, não tem hora para acabar. Muita gente aguarda ansiosa pelo começo de junho, quando essas comemorações realmente aparecem em todas as partes. Como elas passam de geração em geração, muitos pensam que as festas juninas são originárias do Brasil. Mas não são! São muito antigas. Surgiram na Europa há centenas de anos. As festas aconteciam durante o solstício do verão, para se celebrar o início da colheita – por isso tanta comida e bebida – e eram organizadas pelos celtas, egípcios e outros povos. Uma das deusas homenageadas era Juno, esposa de Júpiter, e as festas eram chamadas de “junôneas”.

Com o cristianismo e a adesão a ele ganhando cada vez mais adeptos na Europa, e o dia coincidindo com o nascimento de João Batista, primo de Jesus Cristo, a Igreja Católica cristianizou a data instituindo homenagens a três santos do mês. As come-

morações passaram a se chamar “joaninas” e os primeiros países a comemorá-las foram Portugal, Itália, França e Espanha. Até hoje essas festas são muito importantes naqueles locais.

Não se sabe se o nome “junina” é uma adaptação que veio com o tempo ou se mudou porque a festa é comemorada no mês de junho. Cada um dos países deu seu toque à festa que conhecemos hoje em dia. No Brasil, chegou no período colonial, trazida pelos portugueses. Inicialmente, as festas possuíam forte tom religioso – conotação esta que, em parte, se perdeu, uma vez que é vista por muitos mais como uma festividade popular do que religiosa.

Por coincidência, os índios que habitavam nosso país realizavam rituais nessa mesma época, para celebrar a agricultura. Com a vinda dos jesuítas, as festas se fundiram e os pratos passaram a utilizar alimentos nativos como mandioca e milho. As festas aconteciam em todos os cantos do país. Cada região com suas características. As festas do Brasil caipira, como as que conhecemos no Vale do Paraíba, são realizadas em quermesses com dança de quadrilha em torno da

fogueira e, como não pode deixar de ser, com muita música caipira. Em todos os lugares as mulheres usam vestidos coloridos de chita e os homens vestem camisas quadriculadas e calças remendadas com tecidos também com muitas cores.

Santo Antônio é o primeiro dos santos homenageados no mês. Sua festa acontece no dia 13 de junho e ele é conhecido como “santo casamenteiro”. O dia de São João é o mais esperado de todos. João era filho de Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Segundo a Igreja Católica, foi ele quem preparou a vinda de Cristo e o batizou no rio Jordão. Sua festa é no dia 24 de junho e nesse dia acontecem muitas festas por todo o Brasil, especialmente no Nordeste, onde a tradição é ainda mais forte. O último santo do mês é São Pedro, que era pescador e discípulo de Jesus. Também é conhecido como o primeiro chefe da Igreja Católica. O catecismo prega que é Pedro que tem as chaves do céu. Durante as festas juninas, além das danças típicas, há produção de comidas à base de milho e amendoim, como canjica, pamonha, pé de moleque, além de bebidas como quentão.

